

**A CONFLUÊNCIA, O ENCANTAMENTO E A VIVACIDADE DOS
RIOS: COSMOPOÉTICAS DAS ÁGUAS EM POEMAS DE ELLEN LIMA
WASSU, NATALIE DIAZ E TRUDRUÁ DORRICO, TRÊS POETAS
INDÍGENAS DE ABYA YALA**

**THE CONFLUENCE, THE *ENCANTAMENTO* AND THE
VIVACIDADE OF RIVERS: COSMOPOETICS OF WATERS IN POEMS
BY ELLEN LIMA WASSU, NATALIE DIAZ AND TRUDRUÁ DORRICO,
THREE INDIGENOUS POETS FROM ABYA YALA**

Thiago Alexandre Correa (UFPR)

yothiagocorrea@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4154-1180>

RESUMO: *Este texto se dedica a observar a presença dos rios em poemas de três escritoras indígenas de Abya Yala – Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz e Trudruá Dorrico. Como apoio crítico, verifica-se que pensadoras e pensadores indígenas de diferentes localizações deste continente – como Moira Millán e Ailton Krenak – apresentam defesas muito semelhantes, enfatizando necessidade de se confrontar a colonialidade para que se possa ouvir e perceber a linguagem das águas e demais expressões cosmológicas. Assim, compreende-se que este é um caminho incontornável para cultivar modos mais cuidadosos de conviver e bem viver com a Terra e com as demais formas de vida. Outra grandiosa contribuição parte do legado contra-colonial de Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo), que também propôs inspiradoras formas de confrontar a colonialidade, a exemplo de seu ato de semear palavras. Confluência é um dos conceitos cultivados por ele que contribui significativamente para nutrir as reflexões apresentadas neste trabalho. Somando-se a ele, outros importantes conceitos na ambientação das considerações aqui apresentadas foram encantamento e vivacidade, desenvolvidos pelos pensadores Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas. Em sua argumentação, estes pensadores enfatizam que práticas de encantamento e de ativação da vivacidade são caminhos indispensáveis de afirmação da vida.*

PALAVRAS-CHAVE: *poesia indígena; rios; cosmopoética; encantamento; confluência.*

ABSTRACT: *This text is dedicated to observe the presence of rivers in poems by three indigenous writers from Abya Yala – Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz and Trudruá Dorrico. As*

Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.144373

a critical support, it is noted that indigenous thinkers from different locations on this continent – such as Moira Millán and Ailton Krenak – present very similar defenses, emphasizing the need to confront coloniality so that the language of waters and other cosmological expressions can be heard and perceived. Thus, it is understood that this is an unavoidable path to cultivating more careful ways of coexisting and living well with the Earth and with other forms of life. Another great contribution comes from the counter-colonial legacy of Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo), who also proposed inspiring ways of confronting coloniality, such as his act of sowing words. Confluence is one of the concepts cultivated by him that contributes significantly to nourish the reflections presented in this article. In addition to this, other important concepts in the context of the considerations presented here were “encantamento” and “vivacidade”, developed by the thinkers Luiz Rufino and Luiz Antônio Simas. In their arguments, these thinkers emphasize that practices of enchantment and activation of “vivacidade” are indispensable paths to affirming life.

KEYWORDS: indigenous poetry; rivers; cosmopoetics; encantamento; confluence.

Isso mesmo. Morrer é finito, se encantar é infinito. Se encantar é passar para um diferente estrato cosmológico. Uma transformação. Nessa nova vida, para nós indígenas, podemos ser mineral, vegetal, animal e hominal.
Ezequiel Vitor Tuxá, *O que falam as águas*.

1 Nascente

Ao percurso que inicia o correr das águas dá-se o nome de nascente. Assim, a nascente deste texto começa por ambientar alguns dos afluentes pelos quais este trabalho irá confluir. A intenção é observar a maneira como a presença dos rios se manifesta, reverbera e conflui na linguagem dos poemas das três escritoras indígenas de *Abya Yala* aqui apresentadas – Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz e Trudruá Dorrico – buscando identificar a reverberação *cosmopoética* e *cosmosensível* das autoras em convivência com a Terra.

Ellen Lima Wassu é indígena do povo Wassu Cocal, originário do estado de Alagoas. Em sua mais recente publicação – *Yby kûtiara: um livro de terra* (2023) – a autora é apresentada como sendo “pirá, poeta, rio, árvore, vento, mata atlântica. Ela também é gente humana, poeta, professora, investigadora, que atualmente faz doutorado em Portugal e vive com o corpo e espírito circulando pelo Atlântico, cheia de saudades e amores” (Ellen Wassu, 2023, p. 114). Além de tudo isso, também se dedica a pensar nos nocivos efeitos da colonialidade sobre as subjetividades indígenas, atuando na defesa das cosmopoéticas, cosmovisões e cosmopercepções dos povos originários.

Seu primeiro livro, *Ixé Ygara Voltando pra Y'kúá* (sou canoa voltando pra enseada do rio), foi publicado em 2021 pela editora Urutau. É uma obra em travessia – e que reverbera travessias – conforme podemos constatar na orelha do livro escrita por Manuela Bezerra de Melo, apresentando a autora como uma poeta em travessia no mundo, cujos fluxos desses movimentos atravessam seu corpo de maneira física, sensorial e subjetivamente e acabam por reverberar em suas subjetividades.

Parte desses atravessamentos é refletida em sua linguagem poética no correr dos versos, cuja correnteza é impulsionada pelas águas dos rios que confluem no corpo vivo da poeta. São essas águas que nutrem seu corpo físico e sua subjetividade, traduzindo-se em poesia. Do corpo fisiológico ao corpo do poema as águas se fazem presentes, mesmo porque, corpo fisiológico em si já é poesia, e isso não é (unicamente) metáfora (Natalie Diaz, 2022), mas sim poesia que só pode ser percebida, vista e sentida por aquelas sensibilidades dispostas a desafiar os anestesiamentos e os racionalismos binarizantes¹ impostos pela colonialidade.

Assim como em sua primeira publicação, seu segundo livro – citado no início deste texto – trata-se de uma obra que traz em si o tupi antigo e que também nos convoca a cultivar o sensível para uma experiência de aterramento poético, cosmosensível e comoperceptivo. Para que essa experiência seja possível, é indispensável cultivar uma disposição que se emancipe dos pressupostos racionalizantes e antropomorfizantes, que tanto limitam a potência vital e vivacizante de viver em parentesco com a Terra e com os demais componentes do cosmos. Essa disposição cosmosensível e cosmopoética é também necessária para se alcançar uma experiência de leitura significativa em relação aos poemas de Natalie Diaz e Trudruá Dorrico, autoras que serão apresentadas a seguir.

Natalie Diaz é uma poeta indígena do povo *Aha Makav*, nome este que autoenuncia a relação de seu povo com os rios. “Os espanhóis nos chamavam mojave. / ‘Aha makav é o verdadeiro nome de nosso povo [...] / Quando um mojave diz *Inyech ‘Aha Makav ithuum*, estamos dizendo nosso nome. Estamos contando uma história de nossa existência. O rio corre pelo meio do meu corpo” (Diaz, 2022, p. 61-62). Estes fascinantes versos manifestam-se nas estrofes iniciais do poema *A primeira água é o corpo*. Podemos observar que esta passagem enuncia em si um modo de apresentar-se que se desvia da lógica de papéis sociais meramente utilitaristas, cujos princípios tendem a reduzir as pessoas às suas funções profissionais. O poema, por outro lado, evoca componentes vitais e sensíveis que raramente são considerados e lembrados em contextos discursivos dominantes.

¹ Referência ao pensamento da pensadora e poeta Gení Núñez.
Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.
DOI: 10.22456/2238-8915.144373

Este poema faz parte do livro *Poema de amor pós-colonial* (2022), publicado pelo clube de assinantes *Círculo de Poemas*, com tradução de Rubens Akira Kuana. Foi vencedor do prêmio Pulitzer de poesia, tornando a autora a primeira poeta indígena a receber esta premiação. É seu segundo livro, mas o primeiro traduzido no Brasil. Além dele, também publicou o *When My Brother Was an Aztec* (Quando Meu Irmão Foi um Asteca), ainda sem tradução para o português brasileiro. Natalie Diaz também atua como diretora do Center for the Imagination In The Borderlands, na Universidade Estadual do Arizona, e leciona na cátedra Maxine and Jonathan Marshall da mesma instituição.

Assim como as autoras já mencionadas, Trudruá Dorrico é também prolífica em sua atuação no mundo. É poeta, pesquisadora, curadora e articuladora relacionada aos assuntos indígenas. Pertencente ao povo Macuxi, publicou, em 2019 sua obra de estreia, *Eu sou Macuxi e outras histórias*, premiada com 1º lugar no Concurso Tamoios de obras indígenas neste mesmo ano. Também foi editora convidada da coletânea *Poesia Indígena Hoje* (2020) e suas obras mais recentes são *Tempo de Retomada* (2023), publicada pela editora Urutau, e a coletânea *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* (2023), organizada por ela e por Maurício Negro, publicada pela Companhia das Letrinhas. Sendo uma das vozes mais efervescentes de sua geração de ativistas – em defesa das autonomias, autodeterminações e subjetividades indígenas – já deixou sua marca como uma importante referência e inspiração para as atuais e futuras gerações, tendo demarcado de maneira fértil e inspiradora os territórios da literatura e de expressão criativa e subjetiva.

Feitas essas brevíssimas considerações relativas à apresentação das autoras, este texto se dedica a observar o modo como a presença dos rios se confluem na ação poética dessas autoras, observando a maneira como os corpos aquáticos também reverberam e confluem-se na linguagem nos poemas aqui apresentados. A palavra *confluência* – semeada pelo mestre quilombola Antônio Bispo do Santos – apresenta-se como caminho *vivacizante*, contribuindo por substanciar as reflexões sobre as possibilidades de ler, perceber e se relacionar com esses tão indispensáveis seres para o desenvolvimento da vivacidade física e subjetiva. As reflexões serão também irrigadas pelas considerações da ativista mapuche Moira Millán e do ambientalista Ailton Krenak, este que em seu *Futuro Ancestral* (2022) nos convoca a aprender a linguagem dos rios.

Já o termo *vivacidade* surge aqui por contribuição de Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas – afirmando-se como uma convocação levantada pelos pensadores em seu ensaio *Encantamento: sobre política de vida* (2020) – ao defender modos de afirmar a vida que não

estejam resignados à mortandade e ao desencantamento imposto pelos regimes coloniais. Afinal, como argumentam em seu texto, “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (Rufino; Simas, 2020, n.p.). Isto é, para afirmar a potência vital de criação (Rolnik, 2019), é necessário cultivar práticas de existência que não se reduzam à antropomorfia nem tampouco a uma lógica de tempo cronológica e acumulativa.

Assim, para que práticas de encantamento sejam cultivadas, percebidas e vivenciadas, é indispensável nutrir *cosmosensibilidades*, de modo a conviver com a Terra e com as demais formas de vida. Não é sem razão que a expressão *encantado* se faz presente nas *cosmovisões* e *cosmopercepções* dos povos originários, assim como em alguns dos poemas que serão comentados aqui.

Dito isso, o próximo item deste trabalho será destinado a debater os conceitos de *confluência* (Bispo, 2023), *encantamento e vivacidade* (Rufino; Simas, 2020) e no item subsequente serão apresentadas as leituras dos poemas, observando de que maneira estes conceitos são refletidos nos versos das poetisas.

2 Confluência, encantamento e vivacidade: aprender a ouvir a linguagem dos rios

Em entrevista concedida para o *Ciclo: Perspectivas antirracistas. repensando la cultura nacional*, promovido pela *Museu Casa de Ricardo Rojas* em 2022, a pensadora e ativista mapuche Moira Millán narra uma inspiradora memória vivenciada por ela durante uma visita que realiza a um sábio do povo *wichi*. A percepção compartilhada pelo ancião e transmitida pela ativista Mapuche me instigaram a compartilhá-la aqui em razão da cuidadosa e sensível consideração do sábio, contribuindo para ambientar e nutrir as reflexões que serão tratadas ao longo do texto. Eis o que diz Moira Millán durante a entrevista:

Havíamos comentado antes, quando apresentaram o convite, de que essa frase que não me agrada nada, “dar voz aos que não têm voz”, que é uma frase arrogante, e não apenas arrogante, é uma frase de tutelar os povos, de subestimar os povos. Não se trata de dar voz aos que não têm voz, mas sim de arrancar os tampões coloniais dos ouvidos, pois todos temos voz. **E não falo unicamente dos humanos, me refiro a tudo aquilo que compõe a dimensão espiritual, animal, toda a natureza, os rios têm voz.** Falando um pouco da memória, como vou apresentar na conversa de hoje, estava me lembrando esses dias em que passei escrevendo o que vou compartilhar hoje, de um senhorzinho *wichi* que visitei em uma comunidade de Algarrobal, no impenetrável Chaquenho, e o perguntei se ele tinha *peuma*. *Peuma* é sonho, mas não qualquer sonho, são sonhos que nos trazem ensinamentos, que nos trazem as vozes destas e de outras dimensões que habitamos. E então ele disse: “– Não, porque agora temos que tomar água engarrafada”, e alguém poderia se perguntar: e o que tem a ver? Tem, sim, a ver, porque ele me explicou: “-- Antes tomávamos águas dos rios. **Os rios e os arroios trazem memória, trazem lembranças.** Agora não temos mais os arroios,

não temos rios. Tomamos águas engarrafadas e temos deixado de sonhar”. Então, essa memória não vai poder ser recuperada, não poderá restabelecer a harmonia se não nos curamos com os territórios que lamentavelmente têm sido contaminados, têm sido destruídos (Millán, 2022, grifos meus; tradução minha).

O depoimento da fundadora do *Movimento de Mujeres y Diversidades Indígenas por El Buen Vivir* coloca em questão aquilo que inúmeros povos indígenas de Abya Yala têm convocado milenarmente: a necessidade de cultivar outros tipos de relações com a Terra, para além das práticas de dominação impostas pelos poderes dominantes. Os desdobramentos desse modo perverso e adoecido de controlar e limitar as existências são incontáveis e nem sempre perceptíveis às sensibilidades rendidas pela colonialidade. Um dos exemplos se manifesta no depoimento do sábio *wichi* compartilhado por Moira Millán, sobre a capacidade de sonhar ter sido afetada em razão das águas terem sido aprisionadas em garrafas – e poderíamos adicionar também o exemplo das barragens – impedindo que seus os fluxos naturais das águas confluem livremente.

Outro importante alerta evocado pela ativista mapuche se refere à necessidade inadiável de arrancar os tampões coloniais dos ouvidos para que seja possível ouvir as vozes marginalizadas, desde àquelas que foram não apenas silenciadas, como também sufocadas pelos regimes colonialistas, até às vozes das outras formas de vida – mais que humanas – que compõe a Terra e que não são destituídas de potência comunicativa e enunciativa. Em outras palavras, poderia se considerar que aquilo que advoga a pensadora mapuche é para que sejam cultivados caminhos que possibilitem perceber a linguagem *cosmopoética*.

Praticamente a mesma defesa é também reiteradamente enunciada nas intervenções do ambientalista e líder indígena, Ailton Krenak. No capítulo *Saudações aos rios*, de sua célebre publicação *Futuro ancestral* (2022), ele aponta a necessidade de se nutrir sensibilidades de convivência com o cosmos para ouvir a sabedoria das águas. Abre o capítulo anunciando: “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Ailton Krenak, 2022, p. 11), e o encerra com a precisa, apesar de consternante, convocação: “[...] respeitem a água e aprendam sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar o rumo, ou estaremos perdidos” (Ailton Krenak, 2023, p. 27). Outro estimado pensador que tem se valido de cosmosensibilidades e demais recursos criativos para confrontar a colonialidade é o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido carinhosamente como Nego Bispo.

No primeiro capítulo de sua memorável publicação, *A terra dá, a terra quer* (Bispo, 2023) o autor se vale do seu ato de semear palavras para contracolonizar conceitos. Faz um paralelo entre a noção de adestramento e colonização, argumentando que, tendo exercitado a prática de adestramento de bois durante sua infância, essa experiência o levou a constatar a semelhança entre ambas às práticas. A sementeira do pensador quilombola se dá a partir de sua vivaz e vigorosa linguagem, ao propor conceitos que confrontam as violências que estão por trás da retórica colonial. Seus ensinamentos oferecem estimadas contribuições para as mais variadas esferas da vida, pois, como prevê um dos importantes pressupostos dos estudos da análise do discurso, “não há discurso neutro” nem livre de ideologia (Brandão, 2017.). Além disso, em cada uma das áreas da vida se manifesta – em maior ou menor medida, conscientemente ou não – algum nível de linguagem. Assim, Bispo nos encoraja a semear palavras para contracolonizar a linguagem.

Gostaria de destacar um dos conceitos propostos pelo pensador, por entender que ele é de grandiosa contribuição para ambientar a leitura e o diálogo com os poemas que serão apresentados neste trabalho. E trata-se justamente da palavra *confluência*. Diz o pensador:

Semeei as palavras *biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo...* Semeei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra *biointeração* germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi *confluência*. Não tenho dúvida de que **a confluência é a energia que está nos movendo** para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente - a gente rende. **A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida.** De fato, a *confluência*, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava o colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade ao compartilhar isso (Bispo, 2023, p. 14, grifo meu)

Nota-se que a defesa de Nego Bispo indica a força e a energia do encontro de águas como um dos princípios do ato de confluir, pois elas se unem colaborativamente para se fortalecer mutuamente e potencializar suas forças e energias. Outra característica que se relaciona com a confluência é a “energia que está nos movendo para o compartilhamento”, algo que se reflete no poema de Natalie Diaz:

Digo *rio* como um verbo. Um acontecimento. Está se movendo comigo neste exato momento.

*

Isso não é justaposição. Corpo e água não são duas *coisas diferentes* — eles estão mais do que *próximos ou lado a lado*. **Eles são a mesma coisa — corpo, ser, energia, oração, corrente, movimento, remédio.**

O corpo está além dos seis sentidos. É sensual. Um estado de energia extático, sempre a ponto de rezar, ou de entrar em qualquer rio de movimento.

A energia é um rio em movimento movendo meu corpo movente.
(Diaz, 2022, p.64, grifo meu).

Embora seja no próximo item deste trabalho que tratarei mais pormenorizadamente da leitura dos poemas, achei importante antecipar estes versos por pelo menos duas razões. Primeiro, para indicar mais adequadamente as confluências entre as palavras de Natalie Diaz e Nego Bispo. Segundo, pois tenho cada vez mais acreditado nas contribuições da poesia para nutrir outros modos de formular aquilo que costuma ser designado como teoria e saber científico. Uma das inspirações que me levam a acreditar nas contribuições da presença da poesia no processo do que tradicionalmente entende-se por saber teórico – ou mesmo em experimentações mais ousadas, em como pensar teoria enquanto poesia vice-versa – é decorrente de minha percepção e admiração pelo trabalho da poeta carioca Marília Garcia. Em *poema no tubo de ensaio* (2018)², ela exercita justamente essa instigante experimentação ao longo dos versos, perguntando em um deles se “um poema pode ser colocado no tubo de ensaio?” (Marília Garcia, 2018, 67).

Essa questão também toca em outro aspecto que parece partir de um mesmo eixo condutor e que se refere aos binarismos e às fronteiras normativas, as quais separam rigidamente as disciplinas e campos do saber, a exemplo da oposição entre humanidade e natureza; natureza e cultura, arte e vida e literatura e não literatura. Essas subdivisões são também datadas e sistematizadas por epistemologias hegemônicas, a exemplo da excepcionalidade da espécie humana que não se vê como parte da natureza, comportamento este que tem sido cada vez mais questionado em razão de suas pretensões de dominação da espécie humana sobre os demais viventes.

Um exemplo de conexão entre espécies e campos da existência que indicam o tensionamento dos modelos difundidos separadamente pelos regimes coloniais é a relação indissociável entre *arte* e *vida*, cultivada no cotidiano de muitos povos indígenas. A artista indígena Sallisa Rosa (2018) lembra que para muitas das línguas indígenas não há uma tradução

² Este texto compõe o livro de poemas com título *Parque das Ruínas*, publicado em 2018 pela editora Luna Parque.

para a palavra arte, nos permitindo deduzir que a noção de arte e de vida são ritualizadas espontaneamente e em reciprocidade no cotidiano. Por isso, não haveria necessidade de um termo para categorizar aquilo que já é praticado naturalmente em suas vidas.

O conceito *confluência* semeado por Nego Bispo é outro exemplo do desvio do princípio da binaridade, afinal, o ato da confluência indica a multiplicidade de vínculos, contribuindo para a ampliação da concepção de corpo dos componentes que o constituem – energia; movimento; composição física; composição fisiológica; morfologia, dimensão sensível e sensorial. Ou seja, estas abordagens merecem ser cada vez mais lidas e pensadas colaborativamente, com participação dos variados campos do saber – científicos, criativos e poéticos.

Contudo, de modo a situar alguns aspectos da leitura dos poemas que serão apresentados aqui, ao mesmo tempo que a noção de corpo não deve ser reduzida a um sentido meramente físico e fisiológico, sua interpretação também não deve se limitar a uma perspectiva meramente metafórica. Ao contrário disso, ambas as possibilidades de leitura, quando correlacionadas, demonstram oferecer colaborativas contribuições. Nesse sentido, a linguagem da poesia é quem possibilitaria aos olhos desanestesiados de se perceber o rio enquanto corpo, e isso não se trata de metáfora, como já vimos com Natalie Diaz. Obviamente, também não estamos nos referindo ao corpo por um reduzido viés antropomorfizado, mas que continua sendo o corpo de um ente que faz parte da cosmografia da Terra. Inclusive, se não fosse pela substância do corpo do rio, os corpos humanos jamais poderiam existir.

Ademais, se pensarmos a confluência como inerente ao ato de expressão subjetiva, as práticas criativas também dependem de que o corpo esteja fisiologicamente hidratado para que esteja saudável, pois havendo desequilíbrio das águas, seja por desidratação, contaminação ou qualquer outra interferência, os movimentos de ordem física, fisiológica e subjetiva também são impactados, como no exemplo compartilhado por Moira Millán, relativos à capacidade de sonhar sábio *wichi* ter sido afetada em razão das águas não estarem mais livres nos rios e terem sido aprisionadas em garrafas.

2. 1 Encantamento

Foram as conexões tecnológicas que acabaram me apresentando ao ensaio *Encantamento: sobre política de vida* (2020), dos pensadores brasileiros Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, em meio à enxurrada de postagens de Instagram no período de isolamento social

de 2020. Coincidentemente, o texto trata de dois assuntos que correlacionam as ideias de “estratégias de conexão” com as práticas de “encantamento” (Rufino; Simas, 2020), defendendo-as como um exercício indispensável de afirmação da vida. Obviamente, o texto não reduz a noção de conexões aos sentidos das redes tecnológicas, pois enfatiza a tão indispensável crise das conexões entre seres - humanos e não humanos - argumentando que as conexões de ordem vital e *cosmosensíveis* têm sido nocivamente afetadas pelos regimes coloniais.

Ao apresentarem sua argumentação, os autores propõem uma subdivisão na qual os seres humanos estariam situados nas sociedades capitalistas, posicionando-os em três categorias por eles nomeadas como “sobras viventes”, “sobreviventes” e “supra viventes”. As “sobras viventes”, como o próprio nome adianta, seriam os seres descartados pela lógica exploratória e normativa; já os sobreviventes seriam aqueles que, embora não completamente descartados, executam a vida de maneira resignada, sem perceber que estão anestesiados por essa lógica. Os “supra viventes”, por sua vez, seriam os seres que teriam a capacidade de emancipar-se dessa lógica nociva e anestesiante, e, portanto, empenham-se em praticar suas existências de modo integrado e em relação sensível com os demais viventes em suas mais variadas espécies, corporalidades, dimensões e temporalidades da existência.

A tese defendida pelos autores é de que o caminho necessário para alcançar a supra vivência passa necessariamente pelo cultivo de práticas de encantamento que confrontem os tóxicos venenos pulverizados pela colonialidade, para que assim seja possível afirmar a vida em sua integralidade. Isto é, considerando as práticas colaborativas e recíprocas entre espécies, acionando modos autônomos e sensíveis de perceber, ler e viver com o cosmos. É fundamental, além disso, entender o tempo em uma dimensão que não se reduz à concepção cronológica e nem tampouco concebe espaço em uma reduzida noção de materialidade física. Assim, nos encorajam a entender e acionar práticas de encantamento para vivacizar as experiências de vida:

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas de vida que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. Para nós, é muito importante tratar a problemática na interlocução com essa orientação. Entendemos que a matriz colonial é uma das chaves para pensarmos a guerra de dominação que se instaura entre mundos diferentes. Se de um lado está a separação dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano.

O encantamento como capacidade de transitar nas inúmeras voltas no tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e

escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas (Rufino; Simas, 2020.).

Os pensadores acrescentam ainda que as noções de vida e morte não devem ser tratadas por um viés de materialidade física e fisiológica e entendem que, tanto vida e vivacidade quanto morte e mortandade não são sinônimos: “Assim, cabe falarmos em mortandade e vivacidade, considerando que a primeira é um estado de desencanto da vida e a segunda é a experiência do ser integral e integrado como a natureza, mesmo que eventualmente tenha morrido” (Rufino, Simas, 2020.). Ou seja, dentre a subdivisão de seres humanos apresentadas por eles, somente os *supra viventes* teriam condições de alcançar essa experiência de vivacidade, pois para *vivacizar* a vida seria necessário emancipar-se dos anestesiamentos e limitações racionalizantes que tanto contaminam e impedem a experiência de viver integralmente em totalidade.

Desde que tive meu primeiro contato com este ensaio, um dos aspectos que me chamou especial atenção foi a noção de encantamento, pois “encantado” é um termo que já havia notado com frequência nas obras de literatura e de outras artes e demais intervenções de autoria indígena. Obviamente, não é minha intenção utilizar este conceito de maneira genérica, com intenção de aplicá-lo de maneira universalizada em todas as situações em que surja a palavra encantado, mesmo porque a universalização é uma prerrogativa da colonialidade e que acarreta os já conhecidos prejuízos para a pluralidade da existência.

Contudo, o referido ensaio influenciou significativamente para nutrir possibilidades de leitura sobre a ideia de encantamento, inclusive como forma de se prevenir dos vieses folclorizantes e tendencialmente românticos, que costumam deslegitimar e subestimar os saberes e poéticas indígenas. Trata-se, portanto, de entender o encantamento como princípio vivacizante da vida, tendo em vista a fertilidade de possibilidades de entender suas existências e que, como já dito, não se limitam à materialidade física. Veremos que o encantamento aparece verbal e simbolicamente nos poemas de Ellen Lima Wassu e Trudruá Dorrico e, ainda que não apareça verbalmente no de Natalie Diaz, é notável sua presença confluindo nos versos da poeta.

3. Confluência, encantamento e vivacidade na linguagem das poetisas da/de Terra Fértil

Faz algum tempo que os poemas escolhidos para dialogar neste ensaio me acompanham. O primeiro com que tive contato foi *Vô Madeira*, de Trudruá Dorrico, com a versão ainda narrada em vídeo pela autora, acompanhado de um belíssimo desenho de Gustavo Caboco

Wapichana. Já nas primeiras experiências de leitura que tive com este trabalho fui arrebatado pelo ambivalente sentimento de fascínio e de amargor na garganta, em razão da cuidadosa linguagem da poeta, que demonstra sensível e poeticamente a relação de vivacidade e encantamento entre espécies, ao mesmo tempo que também apresenta denúncias de violências físicas e cosmológicas que contaminam – cosmo e poeticamente – as vidas dos seres que compõem a Terra. Talvez tenha sido ali, nos versos que encerram o poema, o momento em que tive a primeira e mais certa constatação de um dos significados da palavra antropoceno, ainda sem ter consciência na época do que isso significava exatamente.

Os versos finais enunciam o desaparecimento não apenas do Vô, mas de todos os outros seres que não poderiam viver dissociados dele. Essa imagem/prenúncio é acompanhada da belíssima edição de Abílio Julião (2020), que uniu audiovisualmente a narração dos versos da autora aos férteis desenhos do artista Gustavo Caboco Wapichana, movimentando-se verticalmente na tela. A narração da voz em sincronia com o desenho apresenta o movimento de correnteza do rio em direção ao seu desaparecimento nos versos finais, cujo desfecho acontece com a tela preta que anuncia o fim de todas as vidas:

O Vô podia ser eterno
Mas fez a travessia jovem.
Só que ninguém sabia que quando ele se fosse
Todas as gentes iam também.
E foi assim que nós desaparecemos.
Feito fome
Feito sede
Feito noite
Feito morte
(Dorrico, 2020.)

Apesar do comovente e consternante prenúncio de extermínio apresentado nos versos finais, o poema é iniciado apresentando e defendendo as múltiplas vidas em reciprocidade.

O vô correu correu
com as piranhas e os botos
Com as jatuaranas e os tambaquis
Com as cobras e os jacarés,
Com todas as gentes não humanas do rio;
O vô era um encantado
E por vezes trocava de pele pra ver como andava o mundo
Às vezes vinha de gente, outras de mangueira,
algumas vezes perdida, de jaguatirica (Trudruá Dorrico, 2020.).

Estes versos apresentam uma relação com o cosmos que é praticada e defendida por muitos povos indígenas, que prevê uma relação de cuidado e convivência com a Terra e com todos os demais viventes que a compõem, e, como já apresentado, não se centraliza na espécie

humana. Há, inclusive, a expressão “gentes não humanas do rio”, enfatizando que a importância direcionada a esses outros seres não acontece de maneira hierarquizante como os comportamentos difundidos pelas ideologias moderno-coloniais.

Outro componente relacionado a essa relação e transformação cosmológica se apresenta na afirmação de que “o vô era um encantado / E por vezes trocava de pele pra ver como andava o mundo, / Às vezes vinha de gente, outras de mangueira / algumas vezes perdida, de jaguatirica” (Dorríco, 2020.). Por se tratar de um texto literário, e que, portanto, oferece ao leitor a liberdade de construir suas próprias leituras, percepções, relações e conexões, é importante atentar-se para a palavra “encantamento” e apresentar alguns cuidados considerando os modos os quais ela pode ser reduzidamente interpretada. Isto, pois, no imaginário hegemônico reproduzido em contextos de mídias de massa e *mainstream*, a noção de encantamento frequentemente reproduz significados vinculados aos “contos de fadas”, e que, portanto, haveria o perigo de ser interpretado unicamente pelo prisma da “irrealidade”. Reside aqui uma das grandiosas contribuições do referido ensaio *Encantamento: sobre política de vida*, pois, como vimos, ele desenvolve a noção de encantamento nos convocando a perceber e afirmar a *vivacidade* da vida, uma vez que “o desencantamento diz sobre formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera” (Rufino, Simas, 2020.).

Se tomarmos como exemplo a troca de pele apresentada no texto, este pode ser um ponto de partida interessante para pensar a noção de encantamento por um viés cosmosensível, cosmológico e corpóreo, de observar a relação de transformação dos corpos vivos e de contato entre espécies. Ao mesmo tempo, é uma forma de ampliar as possibilidades de cultivar sensibilidades na esfera criativa - dada a característica artística do trabalho - e também ecológica, possibilitando, ainda, pensar nessa relação entre diferentes áreas ou disciplinas de produção e aplicação do conhecimento.

A presença do encantamento – e dos encantados – também se manifesta no seguinte poema de Ellen Lima Wassu:

Figura 1: Poema de Ellen Lima Wassu



Fonte: prints de tela do Instagram pessoal da poeta @ellenlimawassu. Postagem de 15 de outubro de 2021.

Abaixo, a transcrição do poema:

Dois kunumĩ brincando
perto do rio.
Rio não tem perigo,
Rio não tem garra nem
dente
rio não tem ganância de
gente.
rio é mãe, é avô, é amigo.

Dois kunumĩ comidos pelos
Dentes indecentes do
garimpo.
Deglutidos e cuspidos
Por máquinas que engolem
e cospem o rio,
como se rio também
não fosse gente.

Dois kunumĩ tragados
por uma coisa
que rouba vida para fazer
mercadoria valiosa.
nenhuma pedra é preciosa
Se extraída com sangue de
gente.
cada vida indígena
importa.

Dois kunumĩ encantaram
no rio,
abraçados aos xapiris.
que celebram suas
existências curiosas.
E agora, guardiães de
segredos,
são crianças muito valiosas
porque viraram floresta
(Lima Wassu, 2021.).

Esse foi o segundo poema com que tive contato, dentre os escolhidos para o presente trabalho. O conheci por meio da visualização de uma postagem no Instagram pessoal da autora – @ellenlimawassu – no dia 15 de outubro de 2021, estimulado pelas mais amargas, covardes e perversas circunstâncias. Trata-se da notícia que circulou nas redes sociais e demais veículos de comunicação, anunciando que duas crianças indígenas haviam sido sugadas por maquinários da mineração. Os *kunumīs*³ tiveram suas vidas físicas interrompidas no exato dia em que no Brasil é conhecido como Dia das Crianças – 12 de outubro de 2021 – e que, evidentemente, trata-se de uma tragédia ocorrida não por falta de alerta, pois os ataques contra os povos indígenas vêm sendo exaustivamente denunciados. Um dos exemplos de pedido de ação das autoridades foi divulgado nas redes sociais da liderança indígena, Dário Kopenawa, do povo Yanomami, na semana anterior a essa perda irreparável, conforme apresentado em reportagem de Beatriz Jucá para o El País:

Nos últimos meses, as crianças têm protagonizado as imagens do descaso brasileiro com o povo yanomami. Uma semana antes da tragédia com os dois meninos no Rio Parima, a liderança indígena Dario Kopenawa usava suas redes sociais para mais uma vez cobrar atenção das autoridades para os impactos da presença de garimpeiros. “Na Terra Indígena Yanomami, as nossas crianças estão usando água suja e muito volume de mercúrio dos garimpeiros ilegais, cada vez mais os invasores estão crescendo. Governo Federal, retire imediatamente os garimpeiros”, clamava (Jucá, 2021.).

A assimetria entre linguagem e acontecimento impossibilita apresentar de maneira equivalente à dimensão de tal perversidade, mas o efeito provocado ao ler os versos da poeta, ainda que impossíveis de sanar a dor, possibilita outras vias de lidar com as violências. Nas palavras dos pensadores Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas no já citado ensaio, é uma maneira de responder com vida a um sistema empenhado em práticas de desencantamento e mortandade (Simas, Rufino, 2020.).

Assim, a poesia de Ellen Lima Wassu nos impulsiona a fazer da violência energia de confronto às mortandades, de maneira semelhante ao que a própria autora defende, é preciso “organizar a raiva e defender a alegria (Ellen Wassu, 2023.)”. Sua linguagem nos encoraja a uma postura de não resignação e de não anestesiamento, nos estimulando a perceber os *kunumīs* como os dois encantados que seguem cultivando vivacidade e encantamento pelos mistérios da floresta.

³ *kunumīs*, *curumim* e outras variações indica como alguns povos e línguas indígenas geralmente referem às crianças indígenas do sexo masculino.

Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.144373

Por ter sido postado em um perfil de rede social, farei alguns comentários relativos à forma do poema de maneira bastante especulativa e experimental, como, por exemplo, um detalhe que percebi em relação às estrofes iniciais, intermediárias e finais. A 1ª e a última estrofe apresentam vivacidade e encantamento através do ato de brincar, exercício este que costuma ser praticado espontaneamente nas infâncias, e lembrando do que defende a bióloga feminista Donna Haraway: “a brincadeira só pode ocorrer entre aqueles dispostos ao risco de abandonar o literal” (Haraway, 2022, p. 318). Percebemos as crianças brincando, vivendo e confluindo harmoniosamente com o rio, tendo em vista a confiança oferecida por ele por estar vinculado a uma variedade de parentescos, “rio é mãe, é avô, é amigo”. Não sem motivo, os rios são evocados em vários exemplos da literatura indígena como avô, por tratar-se de um parente ancestral, como no poema de Trudruá Dorrico.

Apesar do amargor que os versos finais do poema de Ellen Lima Wassu não deixam de revelar, eles enfatizam a vivacidade de dois *kunumis* que encantaram, mas que continuam presentes em meio aos grandiosos mistérios, unindo-se com os tão valiosos segredos cosmológicos. Está aqui mais um exemplo do ato de responder com vivacidade a um sistema de mortandade.

Isso também se manifesta nas estrofes intermediárias, que se detém a organizar a raiva e a dor e a tentar traduzir isso em poesia, apesar da quase que impossibilidade desse feito. É o momento em que a linguagem da poeta apresenta de maneira sensível e vigorosa a dimensão da covardia, crueldade e sadismo provocados pela ação e inação humana, resultando na covarde e perversa ação do garimpo ilegal, cujos *dentes indecentes* mastigaram vidas de crianças inocentes em decorrência da inação das autoridades.

O último poema com o qual tive contato foi o de Natalie Diaz, chegando até mim pela narração do inconfundível timbre da poeta Marília Garcia. Na época – em meados de agosto de 2022 – a escritora carioca ainda fazia parte da equipe do clube de assinantes *Círculo de Poemas*, e por meio de uma postagem de divulgação do livro do mês de agosto – *Poema de amor pós-colonial*, de Natalie Diaz – Marília narrava um trecho do poema *A primeira água é o corpo*. Não é a primeira vez que sou significativamente afetado pela voz de Marília – há trabalhos interdisciplinares da poeta disponíveis no YouTube que me provocaram sensação semelhante e que foram uma das razões que nutriram minha admiração pela poeta. Ter o contato com Natalie Diaz através da voz de Marília me leva a refletir sobre a tão múltipla e fértil reverberação das práticas poéticas que excedem a materialidade do livro, algo que também toca ao poema de Ellen Lima Wassu por ter sido publicado e veiculado em mídias sociais. Mas isso é assunto

para outros trabalhos, voltemos ao poema *A primeira água é o corpo*, cujo trecho narrado por Marília pode ser acessado no endereço indicado na nota em rodapé.

Confluentemente ou por outros motivos, conforme ia tendo contato com cada um dos três poemas citados, ia me recordando dos lidos anteriormente, e essa foi uma das percepções também acionadas ao ler o poema de Natalie Diaz, o terceiro dentre os três. Um dos componentes de especial presença é a maneira como a leitura dos rios é reverberada pelas três poetisas. O corpo é um componente central no texto de Natalie Diaz e se faz presente logo no título, como também ao dizer o significado do nome de seu povo:

“‘Aha Makav é o verdadeiro nome de nosso povo, dado a nós por nosso Criador que soltou o rio da terra e o construiu em nossos corpos vivos.

‘Aha Makav significa o rio corre pelo meio do nosso corpo, do mesmo modo como corre pelo meio de nossa terra (Diaz, 2022, p. 62).

É possível perceber que a própria origem do povo *Aha Makav* expressa a indissociável relação entre o corpo do rio e o corpo dos demais viventes. É uma maneira inspiradora de observar como a nomeação dos seres tende a ser realizada em função dos contextos cosmológicos, o que me leva também a recuperar a designação de *Abya Yala*, que tem sido empenhadamente defendida por muitos povos indígenas nos últimos anos. De acordo com o pensador indígena Emil Keme, “Abiyala significa tierra en plena madurez” o “território salvado” (Keme, 2018, p. 21). Além de ser uma categoria que tem sido utilizada como emancipação política e subjetiva, seu significado – Terra Fértil – contribui também para enfatizar a fertilidade da terra, a potência vital desse território que é responsável por germinar uma vasta pluralidade de vidas. Entretanto, gosto de pensar a palavra fértil enquanto disposição e potência criativa, que também é frequente nas práticas criativas de variados artistas e pensadores indígenas, em confluência com os demais componentes do cosmos e que também estão dispostos ao abandono do literal cartesiano. Por isso, entendo que as três poetisas aqui apresentadas são poetisas da Terra Fértil e de Terra Fértil, ou seja, da no sentido de pertencerem ou habitarem esta terra, ao território que corresponde à Abya Yala; mas são também poetisas de terra fértil, em função da fertilidade que constitui e substancia sua ação *cosmosensível* e *cosmopoética*.

Assim, me parece que tanto o povo *Aha Makav* – que significa “o rio corre pelo meio do nosso corpo, do mesmo modo como corre pelo meio de nossa terra (Diaz, 2022, p. 62)” – quanto a expressão *Abya Yala* – que significa Terra fértil, “tierra en plena madurez o territorio salvado” (Keme, 2018, p.21) – reiteram aquilo que tem sido cada vez mais evidenciado e

inquestionável de se afirmar, que as práticas de relação cosmológica praticada pelos povos indígenas sugerem a necessidade urgente e inadiável de escutar, ler, perceber, *sentipensar*⁴ e viver com a Terra.

Apesar de ter me deparado em outras ocasiões com leituras de viés mais teórico sobre as definições de corpo, território e *corpo-território*, foi a linguagem da poesia de Ellen Lima Wassu, Natalie Diaz, Trudruá Dorrico e outros vários poetas e pensadores indígenas que possibilitaram nutrir percepções *cosmopoéticas* e *cosmosensíveis* que as teorias tradicionais não são capazes de alcançar. Os versos das três escritoras indicam que poesia e cosmosensibilidade, assim como o saber ancestral e ciência não se dissociam. Que os corpos que compõem a terra são água, são terra, são poesia e são ciência. Não uma ciência antropocêntrica, monorracionalizante e cartesializante, mas sim uma ciência que tem como princípio a constatação da pluralidade e heterogeneidade dos vastos seres que compõem o cosmos. Se há uma ciência que deve ser exercitada, ela não deve estar desvinculada do cuidado com a Terra e da disposição sensível para perceber a linguagem do cosmos. Pois cosmos, poesia e vida estão em confluência. É isso que as três poetas indígenas de Abya Yala também evocam em seus versos vivacizantes.

4. Começo, meio e começo⁵: confluir, encantar e vivacizar

Várias são as emergências do presente, sendo a climática talvez a mais alertada por alguns segmentos da sociedade. Para lidar com esta e outras várias, é necessário confluir com a Terra para seguir com o problema, como defende Donna Haraway (2023), e afirmar a vida. Os regimes extrativistas capitaneados pelos neocolonos seguem empenhados em seus ataques e seus efeitos, a exemplo da inescrupulosa tese do Marco Temporal, mas há também vigorosa resistência de enfrentamento, incluindo na atuação política voltada para a defesa da Terra e das demais vidas, a exemplo da afirmação da deputada federal Célia Xakriabá que tem como missão “aquecer os corações para desaquecer o planeta” (Célia Xakriabá, 2023.). De fato, parece que esse aquecimento que a ativista e intelectual indígena argumenta, a qual recentemente defendeu

⁴ O antropólogo e cientista social colombiano, Arturo Escobar, argumenta que “*Sentirpensar* con el territorio implica pensar desde el corazón y desde la mente, o co-razonar, como bien lo enuncian colegas de Chiapas inspirados en la experiencia zapatista; es la forma en que las comunidades territorializadas han aprendido el arte de vivir. Este es un llamado, pues, a que la lectora o el lector sentipiense con los territorios, culturas y conocimientos de sus pueblos - con sus ontologías -, más que con los conocimientos des-contextualizados que subyacen las nociones de “desarrollo”, “crecimiento” y, hasta, “economía” (Arturo Escobar, 2014, p. 16).

⁵ Uma vez mais, menção ao pensamento de Nego Bispo.
Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.
DOI: 10.22456/2238-8915.144373

sua tese de doutorado e tornou-se Doutora em Antropologia, tem estreita relação com aquilo que vem sendo defendido ao longo deste texto, a inadiável necessidade de se nutrir ação e disposição *cosmopoéticas* e *cosmosensíveis* para que se possa nutrir relações cuidadosas e éticas e em reciprocidade com a Terra e demais viventes com o cosmos. Está também relacionada a isso a busca pela *supra vivência*, defendida por Rufino e Simas, por tratar-se de um exercício de encantamento para firmar a vivacidade da vida.

Os versos das poetisas aqui apresentadas são apenas algumas das incontáveis práticas *cosmopoéticas* e *cosmosensíveis* desses povos que estão empenhados e firmes em defesa da vivacidade. São versos que confluem e reverberam as mais variadas formas de vida, em diferentes peles e corporeidades, enunciando a beleza e grandiosidade das manifestações de encantamento. Somados às sábias palavras semeadas por Bispo, os poemas de Trudruá Dorrico, Ellen Lima Wassu e Natalie Diaz, aliados aos ensinamentos trazidos por Moira Millan, Ailton Krenak, Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas, são apenas alguns dos trabalhos de base *cosmosensíveis* e *cosmopolíticos* que tem se empenhado da luta por um modo de vida outro que confronte as lógicas extrativistas e acumulatórias, sendo estas as principais responsáveis pelas tantas crises da atualidade. Por isso, o caminho incontornável para lidar com estas emergências é o de cultivar modos *cosmosensíveis* de ouvir, sentir e viver os saberes dos povos da Terra.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena. Analisando o discurso. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: <www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Analisando-o-discurso.pdf>. Acesso em 10 mar. 2024.

DIAZ, Natalie. *Poema de amor pós-colonial*. Trad. Rubens Akira Kuana. São Paulo, Círculo de Poemas, 2022.

DORRICO, Trudruá (Julie). *Eu sou Macuxi e outras histórias*. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

DORRICO, T; NEGRO, M (Orgs). *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

DORRICO, Julie (org). Poesia Indígena Hoje. p-o-e-s-i-a.org (2020). Disponível em: <<https://www.p-o-e-s-i-a.org/dossies/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

DORRICO, Trudruá. *Tempo de Retomada*. Cotia: Urutau, 2023.

DORRICO, Trudruá (Julie). Vô Madeira - Poema de Julie Dorrico. Revista Acrobata, 2020. Disponível em: <<https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/vo-madeira-poema-de-julie-dorrico/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

DORRICO, Trudruá (Julie). *Vô Madeira* - [Abílio Julião, youtube]. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IvCmYxkt5nY>>. Acesso em 10 mar. 2024.

ESCOBAR, Arturo. *Sentipensar con la Tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

GARCIA, Marília. *Parque das Ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018

GARCIA, Marília. Então descemos para o centro da terra. [youtube]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRQUzf8qMec&t=1772s>>. Acesso: 10 mar. 2022.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. Tradução: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

JACA. Sallisa Rosa (BR). Disponível em: <<https://www.jaca.center/sallisa-rosa-br/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

JACA. Umuarama, por Salissa Rosa (Bolsa Pampulha 18/19). Youtube, 01 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qrgQZwm0jdY>>. Acesso em 01 dez. 2024.

JUCÁ, Beatriz. Duas crianças yanomami mortas, sugadas por uma draga da exploração ilegal de minério. El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-16/duas-criancas-yanomami-mortas-por-uma-draga-de-exploracao-ilegal-de-minerio-diante-da-omissao-do-governo.html>>. Acesso em 10 mar. 2024.

JULIÃO, Abílio. *Vô Madeira* - Julie Dorrico. Youtube, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IvCmYxkt5nY>. Acesso em: 01 dez. 2024.

KEME, Emil'. Para que Abiyala viva, las Américas deben morir. Native American and Indigenous Studies, v. 5, n. 1, pp. 21-41, 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/42807469/Para_que_Abiayala_viva_las_Américas_deben_morir_Hacia_una_Indigeneidad_transhemisférica](https://www.academia.edu/42807469/Para_que_Abiayala_viva_las_Am%C3%A9ricas_deben_morir_Hacia_una_Indigeneidad_transhemisf%C3%A9rica)> . Acesso em: 30 jan. 2024.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Ellen. *Ixé ygara pra' y'kûa (sou canoa voltando pra enseada do rio)*. Cotia: Urutau, 2021.

MILLÁN, Moira. Entrevista a Moira Millán, 2022: Ciclo: Repensando la cultura nacional. Museo Casa de Ricardo Rojas – Museo Casa de Ricardo Rojas - vídeo (10 min 21 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vk16w-e0zx8>>. Acesso: 10 mar. 2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L.A. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. Disponível em: <<https://morula.com.br/produto/encantamento-sobre-politica-de-vida/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogos do corpo e outras mandingas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TV Mídia Indígena. Defesa da Tese de Doutorado de Célia Xakriabá. Youtube, 30 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WEOqgnFOWFQ>>. Acesso em 01 dez. 2024.

TUXÁ, Ezequiel Vitor. *O que falam as águas*. Salvador: EDTÓRA/Sociedade da Prensa, 2022.

WASSU, Ellen Lima. Defendendo a alegria com Ellen Lima. Entrevista concedida a Carla Fernandes. *Afrolis*, Lisboa, junho de 2023. Disponível em: <<https://afrolis.pt/defendendo-a-alegria-com-ellen-lima/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

WASSU, Ellen Lima. *Yby kûtiara: um livro de terra*. Cotia: Urutau, 2023.

XAKRIABÁ, Célia. *O mundo todo diz não ao Marco Temporal*. O Tempo, outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniao/celia-xakriaba/o-mundo-todo-diz-nao-ao-marco-temporal-1.3252394>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Artigo submetido em: 01 dez. 2024

Aceito para publicação em: 31 jan. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144373>